

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 1 DE MARÇO DE 1882	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO)		N.º 23
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1200	
	Anno.....	13400		Anno.....	2400	
			ESCRITORIO—RUA DA RAINHA N.º 95			

BOMBA COM DOUS PISTÕES

SYSTEMA GIRODIAS

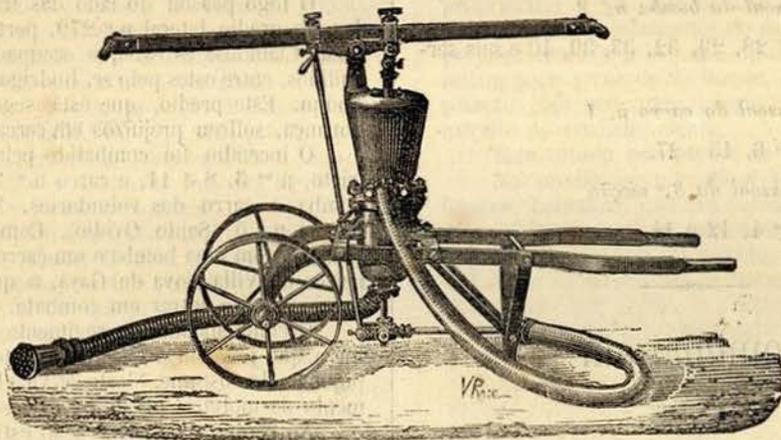
A bomba systema Girodias que a nossa gravura representa, senão tivesse a recommendal-a a officina em que é fabricada, casa J. Couvres & C.º, de Vuillafans (Doubs) com deposito em Paris na rua de S. Sebastião n.º 49, tinha a modicidade do seu preço.

Fabricada em dous tamanhos respectivamente numerados 4 e 5, a bomba do systema que apresentamos recommenda-se muito especialmente ás fabricas, servindo não só para incendio como esgoto, rega etc.

Estas bombas tem a grande vantagem da simplicidade do seu machinismo que pôde ser examinado

instantaneamente. Montada sobre um carrinho com duas rodas, a bomba n.º 4 pôde ter um consumo de 6:000 litros por hora e uma projecção em caso de incendio de 18 a 20 metros. A n.º 5 gasta no mesmo espaço de tempo 12:000 litros com uma projecção em caso de incendio de 26 a 28 metros. Aquella, custa 250 francos, esta, 310, acompanhando-as os seguintes accessorios: 2 metros de tubo de caoutchouc em espiral para aspiração; 2 junções e um crivo d'aspiração de cobre, 5 metros de mangueira de lona, 1 agulheta com leque para rega e uma chave para desmontar todas as peças.

A bomba que representava a nossa gravura do numero anterior é como já dissemos do mesmo fabricante



e tambem d'uma modicidade de preço que a torna sobremaneira recommendavel, 116 francos. Machinismo simples, de facil inspecção, a bomba a que vimos alludindo tem um consumo de 2:200 litros por hora com uma projecção de 42 a 45 metros.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Para preencher algumas vagas que havia nos graduados d'esta corporação, foram ultimamente promovidos os voluntarios n.ºs 1, 2, 3, 7, 9, 10, 19 e 46.

Para que essas nomeações recahissem em pessoas que estivessem devidamente habilitadas, foram ellas pre-

cedidas d'uma série de exercicios com que muito aproveitou em geral aquella aggremação.

Competem taes nomeações ao commandante do corpo, mas este desejando manifestar, como costuma, toda a sua imparcialidade, convocou um jury, presidido por elle e de que fizeram parte o primeiro patrão sub-ajudante, Joaquim Antonio de Moura Soeiro e o aspirante n.º 2, José Rodrigues Barrote, voluntarios mais graduados que na occasião estavam presentes, para julgarem das habilitações dos voluntarios que compareceram ao concurso.

Com as promoções a que nos vimos referindo fica o corpo de Bombeiros Voluntarios do Porto composto do seguinte modo:

Commandante, o voluntario n.º 23, Guilherme Gomes Fernandes.

Primeiro patrão ajudante, o voluntario n.º 8, Eduardo de Souza Pereira.

Primeiro patrão sub-ajudante, o voluntario n.º 42, Joaquim Antonio de Moura Soeiro.

1.ª Secção. Bomba n.º 1

Segundo patrão, o voluntario n.º 2, José Rodrigues Barrote. Aspirante, o voluntario n.º 24, Alvaro Vicente de Souza. 1.º agulheta, o voluntario n.º 4, Luiz da Terra Pereira Vianna. 2.º agulheta, o voluntario n.º 2, Manoel Domingues Maia.

1.ª Secção. Bomba n.º 2

Segundo patrão, o voluntario n.º 7, Arnaldo de Campos Navarro. Aspirante, o voluntario n.º 10, Gaspar Pizarro Portocarrero. 1.º agulheta, o voluntario n.º 49, Luiz Fernandes da Cunha.

2.ª Secção. Carro n.º 1

Segundo patrão, o voluntario n.º 17, Arminio Von Doellinger. Aspirante o voluntario n.º 9, Adolpho Felgueiras.

3.ª Secção. 1.ª companhia

Aspirante, o voluntario n.º 46, Antonio Ignacio de Faria.

Pessoal da bomba n.º 1

Voluntarios n.º 5, 11, 13, 18, 20, 22, 30, 34, 35, 36, 37 e 38 e oito serventes assalariados.

Pessoal da bomba n.º 2

Voluntarios n.º 28, 29, 32, 33, 39, 40 e seis serventes assalariados.

Pessoal do carro n. 1

Voluntarios n.º 6, 15 e 27.

Pessoal da 3.ª secção

Voluntarios n.º 4, 12 e 14.

Homenagem

Os bombeiros voluntarios do Porto querendo dar mais uma prova do subido apreço em que teem o seu commandante e da dedicada e sincera amizade que lhe consagram, resolveram offerecer-lhe o collar e as insignias de cavalleiro da Torre e Espada com que o governo de Sua Magestade houve por bem agracial-o ha tempo.

Para este fim dirigiram-se a casa d'aquelle cavalleiro e ahi lhe fizeram entrega do seu delicado brinde, sendo-lhe lida previamente uma mensagem de congratulação pelo primeiro patrão ajudante, o sr. Eduardo de Souza Pereira e que todos os offerentes tinham assignado.

O sr. Gomes Fernandes agradeceu penhorado a prova de sympathia e dedicação que lhe davam os seus camaradas a quem protestou a sua sincera gratidão e a sua boa e dedicada amizade.

INCENDIOS NO PORTO DE 16 DE JANEIRO A 28 DE FEVEREIRO DE 1882

21 de janeiro. — A's 4 horas da tarde. Sitio do Regado, freguezia de Paranhos. Incendio n'uma barraca de palha, propriedade de Manoel Martins d'Oliveira. Os prejuizos orçam em 165000 reis. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 11. Tambem compareceu o pessoal e material dos bombeiros voluntarios.

6 de janeiro. — A's 10 horas e meia da manhã. Rua nova do Carvalhido. Casa onde Isidoro Ferreira tem estabelecida uma officina de serralheiro. Parece que a causa do incendio foi uma lamparina que communicou fogo ao cortinado de um oratorio. Uma mulher que tentou extinguir o fogo, ficou bastante queimada nas mãos. No lugar do sinistro compareceu em primeiro lugar a bomba n.º 11, seguindo-se a dos voluntarios. Os prejuizos são pouco avultados. O predio que é de um andar nada soffreu e estava seguro na companhia Bonança.

10 de janeiro. — A's 5 horas da manhã. Rua dos Martyres da Liberdade, predio em construção pertencente ao sr. José Maria Passos.

O fogo destruiu os madeiramentos e deixou as paredes arruinadas, havendo prejuizo de cerca de 3:000\$ A causa do sinistro foi motivada por lume que os carpinteiros tinham accessõ no 2.º andar e que uma lufada de ventou espalhou pela casa, que estava segura na Companhia Confiança em 2:500\$000 reis.

O fogo passou do lado das trazeiras, no 3.º andar, ao predio lateral n.º 279, pertencente ao sr. Nicolau Clamouse Browne, e occupado por diversos inquilinos, entre estes pelo sr. Rodrigo de Mello Castro de Aboim. Este predio, que está seguro na Companhia Bonança, soffreu prejuizos em cerca de réis 300\$000.

O incendio foi combatido pelas bombas do districto, n.ºs 5, 8 e 11, e carro n.º 3, assim como pela bomba e carro dos voluntarios. Venceu o premio a bomba n.º 5 (Santo Ovidio). Compareceu tambem o pessoal, com uma bomba e um carro, do corpo de bombeiros de Villa Nova de Gaya, o qual retirou por não ser necessario entrar em combate.

O commandante do regimento 18, fez sahir uma força que policiou o local enquanto não chegaram os piquetes do costume. Neste serviço bem como no salvamento de mobílias prestou serviços efficazes.

No campo da Regeneração estiveram algumas horas muitas mobílias, porque os moradores da rua onde manifestou o incendio, receiando que elle se communicasse aos predios visinhos, julgaram prudente pôr os seus haveres em logar mais seguro.

Na faina da extincção ficaram levemente feridos alguns bombeiros municipaes. O bombeiro voluntario n.º 4, o sr. Luiz da Terra Pereira Vianna cahiu com uma trave em que se firmava d'uma altura bastante consideravel o que lhe valeu um entorse que o reteve no leito por alguns dias.

Era 1 hora da tarde quando as bombas retiraram a quartéis.

11 de fevereiro. — A' uma hora da madrugada. Casas terras de n.ºs 14, 15 e 16 da rua da Travagem, lugar da Carcereira, freguezia de Ramalde, pertencentes á sr.ª D. Emilia Adelaide Rosa, e das quaes eram inquilinos Joaquim da Costa, Antonio Campanhã e Antonio Pereira Sampaio.

O fogo destruiu completamente a casa n.º 14 e

deixou bastante damnificadas as de n.º 15 e 16, chegando ainda a estender-se á de n.º 17, calculando-se os prejuizos dos predios em cerca de 1:000\$000 réis, que se acham cobertos pelo seguro da Companhia Indemnizadora.

Além d'isso o fogo reduziu a cinzas grande parte dos pobres haveres dos inquilinos, os quaes ficaram reduzidos ás mais penosas circumstancias.

Suppõe-se que o incendio fosse causado por algum lume que por ventura saltasse de um fogão para uma certa quantidade de lenha que se achava proxima d'elle.

Na extincção do fogo trabalharam a bomba n.º 11 (rua das Vallas), que foi a que ganhou o premio, carro n.º 3 e bomba dos bombeiros voluntarios. Eram 4 horas da manhã quando as bombas retiraram.

16 de fevereiro.—A's 11 horas e meia da manhã suspeita de incendio na loja n.º 83 da rua da Esperança, onde o sr. Athanasio José Antonio Leis Reis possui um estabelecimento de mercearia.

Soppondo-se que havia fogo na dita loja, acudiram allí alguns bombeiros, assim como a bomba n.º 4 (S. João Novo); compareceu tambem a bomba e carro dos voluntarios, porém, examinada a referida loja, não se encontrou fogo em parte alguma, verificando-se que o fumo proviera de qualquer outra parte que se não pôde averiguar.

As torres não chegaram a dar o respectivo signal.

20 de fevereiro.—A's 10 horas da noite. Praça de Santa Thereza. Propriedade de Manoel de Sá Lopes occupada por Manoel Joaquim Teixeira.

O incendio foi originado por uma explosão de aguardente, causando prejuizos no valor de 100\$000 réis. Extinguiram-n'o os vizinhos.

O predio estava seguro na companhia *Bonança*.

As bombas não chegaram a trabalhar.

20 de fevereiro.—A' meia hora sobre a meia noite: Rua das Tappas n.º 8, 10, e 12, predio de que era proprietario Constantino Joaquim Paes e inquilino José da Silva Couto e Custodio Ferreira da Varzea, estando o primeiro andar deshabitado.

O fogo principiou com intensidade na loja do predio n.º 8 a 12, onde Manoel Carrera Pinto, subdito hespanhol, tinha estabelecido uma casa de pasto, denominada «Nova Cascata», e desenvolveu-se depois com estranha rapidez por todo o predio, a ponto de, quando se deu por elle, ser impossivel extingui-lo com promptidão, redobrando ainda de violencia por effeito do vento leste, que então fazia.

O primeiro andar d'esta casa estava deshabitado; o segundo era occupado pelo sr. José da Silva Couto, esculptor de imagens, o qual se pôde salvar e sua familia pelas trazeiras, perdendo todos os seus haveres, que não estavam no seguro; e, finalmente, o terceiro, pelo sr. Custodio Ferreira da Varzea, que se salvou pela frente do predio, tendo sua familia sahido pelas trazeiras. Este inquilino ainda conseguiu salvar grande porção de roupa, que atirava da janella para a rua, e que era recolhida no portal de uma casa fronteira. Os haveres d'este inquilino estavam seguros.

A casa de pasto tinha seguro na companhia *Le Lyon* em 1:500\$000 réis; o inquilino Manoel Carrera Pinto, porém, foi preso, em consequencia de recahirem n'elle fortes suspeitas de que pozesse fogo ao predio, sendo já entregue ao poder judicial. Quando o incendio tinha já devorado a casa, appareceu aquelle individuo, que fora para o baile de mascaras do Palacio de Crystal, demonstrando viva afflicção; mas não satisfazendo as respostas que deu ás perguntas do chefe de esquadra

Sant'Anna e a circumstancia de lhe ser encontrada no bolso a apolice da Companhia seguradora do seu estabelecimento, o referido chefe de policia prendeu-o, como fica dito, para averiguações, sendo remettido para o Aljube, d'onde sahiu no dia seguinte para o commissariado a perguntas.

O fogo causou no referido predio prejuizos que se calculam em 7:000\$000 réis, estando seguro na Companhia Segurança.

Esquecia-nos mencionar que o sr. Varzea possuia nas trazeiras d'esta casa uma fabrica de conservas que ardeu tambem completamente. Estava igualmente segura.

O predio contiguo de n.º 14 a 18, pertencente a Joaquim Antonio Soares Junior, é occupado nos baixos por uma mercearia do sr. José Joaquim Fernandes, que occupa tambem o primeiro andar, tendo seguro na Companhia Segurança; o segundo é occupado por um bilhar apenas; e o terceiro era habitado pelo sr. José Antonio da Veiga, com officina de ourivesaria, a qual estava segura, bem como a mobilia, na Companhia Confiança.

O fogo e a agua arruinaram bastante o telhado e parte do terceiro andar, causando a agua igualmente prejuizos de alguma consideração nos generos que o sr. Fernandes tinha armazenados.

Este predio tinha seguro na Companhia Confiança.

Na occasião do sinistro foi necessario arrombar a porta da mercearia para se poder pôr a salvo dous marcanos que dormiam para o lado das trazeiras.

No predio de n.º 20 a 24, habitado pelo seu proprietario o sr. Manoel Caetano Ferraz, que allí possui um estabelecimento de calçado, houve tambem prejuizo causado pelo fogo, do lado das trazeiras, que olham para a rua de S. Roque, e tambem pela precipitação com que eram postas a salvo a mobilia e o calçado do estabelecimento.

Este ultimo tem seguro na Companhia Bonança.

No predio de n.º 26 a 30, habitado pelo sr. Gustavo Lehmann, que allí possui um estabelecimento de confeitaria, tambem houve alguns prejuizos, por se haver declarado fogo no telhado, causado pelas fualtas, ás 7 horas da manhã, sendo apagado a canecos de agua. Este predio tem seguro na Companhia Garantia.

Finalmente, no predio de n.º 4 e 6, pertencente ao sr. Luiz Maria de Oliveira e que está contiguo á casa incendiada, do lado esquerdo, houve igualmente damnificação no telhado. Esta casa é habitada pelo sr. Manoel Antonio de Faria Villaça, que tem nos baixos uma loja de mercearia.

Os prejuizos totaes são calculados em quantia superior a 9:000\$000 réis, apesar de se ter salvo da officina do sr. Veiga, bastantes objectos e roupa.

Os vizinhos que occupam os predios fronteiros ao incendiado, bem como os da rua de S. Roque, prestaram-se da melhor boa vontade a recolher os salvados d'este incendio, que ameaçava devorar todo aquelle quarteirão alimentado como era pela ventania que fortemente soprava de leste.

Na faina da extincção trabalhou-se com energia até ás 6 horas da manhã, retirando então o material e pessoal, excepto a bomba n.º 4 e carro n.º 2, que se conservaram até ao meio dia empregados nos trabalhos do rescaldo.

O fogo foi combatido pela rua das Tappas pelas bombas n.º 3, 4 e dos voluntarios; e pela rua de S. Roque pelas bombas n.º 1 e de Villa Nova de Gaya.

Pelo fogo ter tomado grandes proporções, as tor-

res da cidade tocaram a rebate, a fim de acudir o pessoal que estava nos quarteis, de reserva. Compareceu tambem um piquete de soldados de caçadores 9, que se empregou no serviço das bombas.

Pelas 8 horas da manhã tambem compareceram no local 10 trabalhadores da camara para o serviço do rescaldo.

Houve alguns ferimentos de pouca gravidade nos que tomaram parte na faina com uma dedicação que sobremodo os honra. O bombeiro voluntario n.º 4, Luiz da Terra Pereira Vianna na occasião de uma derrocada foi lambido pelas chammas que lhe crestaram um tanto a cara e as mãos.

As paredes da casa incendiada ameaçam ruina estando já dadas as necessarias ordens para serem apeadas.

No dia 22, pelas 8 horas da noite, havendo noticia de que por entre os escombros do predio incendiado tinha rebentado novamente fogo, marchou para o local um piquete de bombeiros com a bomba n.º 4, que funcionou até ás 10 horas e meia. Na remoção dos entulhos funcionaram as ferramentas do carro n.º 2. Na mesma faina estiveram alli na tarde do dia 26, os bombeiros voluntarios.

No predio incendiado residiam 23 pessoas, que todas se salvaram, algumas d'ellas em estado de quasi nudez, em consequencia da violencia com que rompeu o fogo.

O sr. dr. Francisco José Rodrigues de Oliveira, juiz substituto do tribunal criminal do 2.º districto, no impedimento do respectivo, acompanhado do sr. delegado Almeida Ferreira e escrivão Antonio Ribeiro de Oliveira, e bem assim do inspector dos incendios o sr. Eduardo Augusto Falcão e do bombeiro voluntario Luiz da Terra Pereira Vianna, foram hontem á rua das Tappas, ao local do incendio, verificar quaes os prejuizos occasionados alli pelo fogo e qual a causa que o motivou.

D'esta diligencia reconheceu-se que o predio de n.º 8 a 12, onde teve começo o incendio estava avaliado em 6:000\$000 réis, havendo prejuizos na importancia de réis 4:800\$000 no predio contiguo de n.º 14 a 18.

Os prejuizos occasionados pelo trabalho dos bombeiros nos predios n.º 20 a 24, são calculados em rs. 80\$000, e no de n.º 26 a 30 em 30\$000.

Com referencia ás causas que determinaram o fogo nada se pôde averiguar, em consequencia do montão de ruínas a que está reduzido todo o interior do predio incendiado.

—Quando se trabalhava na extincção do incendio a que nos acabamos de referir, o vento que soprava forte, arremessou grande quantidade de faúlas para um predio deshabitado da rua da Cordoaria Velha n.º 37 a 43 que era propriedade do fallecido abbade de Miragaya, Mesquita, occasionando um principio de incendio que a bomba n.º 9, de prompto extinguiu.

—A's 2 horas da manhã accorreram á rua do Bom-jardim n.º 133 e 135, as bombas n.º 5 e 2, por se haver ahi manifestado um incendio na loja de tamanqueiro de Francisco Ferreira da Silva, na occasião, ausente de casa. O predio que pertence a D. Maria Amalia, tinha seguro na companhia Previdente. Os prejuizos limitaram-se á perda d'um colchão onde o fogo se declarou, extinguindo-o os vizinhos.

13 de fevereiro. — Ao meio dia. Rua do Estevão n.º 46, propriedade de Joaquim Cardoso Teixeira, occupada por Jacintho dos Santos. A causa do sinistro foi o haver desenvolvido fogo uma porção de cinza que

fôra lançada em um caixote de lixo, mas não resultou prejuizo algum. O predio está seguro na companhia Garantia.

Compareceu o material do districto e o dos voluntarios, cabendo o premio á bomba municipal n.º 4.

24 de fevereiro. — A' 1 hora e meia da tarde. Rua dos Guindaes de Baixo n.º 108 a 112. Propriedade de Manoel Joaquim Vieira, occupada por Francisco Bernardino e outros.

O fogo teve principio em uma porção de gigos, que se achava proxima á varanda do 3.º andar, do lado das trazeiras, sendo debellado de prompto pelo inquilino e vizinhos, sem se tornar necessario que as bombas funcionassem.

O predio estava seguro, sendo os prejuizos causados calculados em cerca de 30\$000 réis.

A primeira bomba que accidiu ao local pertencia á companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, sendo a primeira da cidade, a chegar, a municipal n.º 4.

Compareceram o pessoal e material da circumscricção, e bem assim o dos bombeiros voluntarios.

O predio tinha seguro na companhia Douro.

A bomba municipal n.º 9

A bomba municipal n.º 9 está aquartellada no Palacio de Cristal. Até aqui tudo é muito regular, mas chamamos a attenção de quem compete para o seguinte caso.

A bomba do Palacio de Cristal que a inspecção dos incendios designa com o n.º 9, pertence á sociedade d'aquella casa que a offerceu á camara com a unica condição da respectiva estação ser estabelecida dentro das dependencias do Palacio. N'esse tempo havia alli um posto de guarda e a bomba quando era chamada fôra das horas em que os gradões se conservavam abertos, podia sahir, visto que a guarda lhe franqueava a porta.

Fôr retirada a guarda, e uma vez fechados os portões não ha mais abril-os. N'estas circunstancias de que serve aquella bomba com um pessoal que a camara assalaria?

Pensamos que de pouco; pois que de noite em que os socorros devem ser vigilantes, fica desguarnecida uma extensa area que vae até Massarellos e Cedofeita pois que a estação mais perto está nas Carmelitas.

Não poderia a direcção do Palacio de Cristal confiar á proxima guarda do quartel de infantaria 10, uma chave do seu portão, podendo assim aquella machina prestar os seus serviços, sahindo ao toque de incendio?

Ao provado zelo do sr. inspector dos incendios submettemos com a devida venia estas nossas reflexões.

O FOGO EM PARIS E NA AMERICA

PELO CORONEL PARIS, COMMANDANTE DO REGIMENTO DOS SAPADORES BOMBEIROS DE PARIS

(Continuado do n.º 22)

VIGILANCIA

Os capitães devem visitar tantas vezes quantas o julgarem preciso todas as casas, armazens, fabricas,

depositos, hoteis, theatros, sallas de concerto e todos quaesquer logares onde possam estar depositadas mercadorias dentro da area do bairro que a sua companhia comprehende. Devem familiarisar-se com o genero de construcção das casas assim como com a especie de mercadorias ou materiaes que ellas contem. Devem certificar-se de que :

As vias d'entrada e de sahida não estão embaraçadas.

A collocação das caldeiras, caloriferos e outros utensilios de aquecer está sufficientemente affastada de qualquer madeiramento ou separado d'elle por materiaes incombustiveis.

Os bicos de gaz ou quaesquer outras luzes das mostras, theatro, cavallariças, etc., são guardadas por um globo de vidro.

Os vendedores de petroleo, benzina ou outros oleos inflammaveis estão munidos d'uma licença da administração e que as quantidades que existem nos seus armazens não excedem as que lhe são fixadas pela dita licença.

Os hoteis, salas de concerto, fabricas, escolas publicas etc., estão munidos de tudo o que é necessario para extinguir um principio de incendio.

As chaves distribuidas aos negociantes, donos de hoteis etc., estão collocadas bem á vista e pendentes do gancho preso ao cartão sobre o qual está collada a instrucção relativa ao uso da caixa.

POLICIA

As bombas estão munidas d'um sino collocado por cima d'um cylindro, as viaturas d'escadas, d'um timbre. Todos os carros com a unica excepção da malla posta, devem, logo que ouçam o som d'esse sino ou d'esse timbre, enfileirar-se e dar logar aos bombeiros que só correm a galope estendido. Os officiaes de policia devem ao mesmo signal accorrer rapidamente á via publica e proceder á prisão immediata dos cocheiros que não se enfileirem com a rapidez exigida.

CAIXA DE SOCCORROS

Todas as multas impostas ao pessoal por delictos e infracções aos regulamentos vão para a Caixa de soccorros : o mesmo succede com todas as sommas recebidas pela segunda repartição pelas licenças para a venda d'oleos perigosos, artigos d'artificio etc., e com as multas pelas contravenções aos regulamentos para prevenir os incendios.

Qualquer empregado da parte activa do departamento que, depois de dez annos, se torne incapaz de servir, em consequencia de enfermidades contrahidas ou feridas recebidas no serviço, é admittido, precedendo a inspecção pelo medico do corpo, á reforma, e recebe mensalmente, durante a sua vida, metade do seu soldo quando em activo serviço.

Cada empregado tem por mez uma deducção no seu soldo de cinco francos destinada á Caixa de soccorros. Em caso de morte, a viuva ou os orphãos do defunto recebem immediatamente a somma de 5:000 francos além da renda vitalicia de 4:500 francos que cessa quando a viuva torna a casar ou os orphãos chegam á idade de dezoito annos.

Em 31 de dezembro de 1878, o activo da Caixa elevava-se a 4.856:534 francos.

Correspondencias

Lisboa, 27 de fevereiro de 1882

(Do nosso correspondente)

Principio a minha correspondencia por lhes dar copia da informação do sr. inspector dos incendios com respeito a pertensão dos aspirantes da classe de bombeiros e que é como segue :

Ill.^{ma} e ex.^{ma} sr.—Informando ácerca do requerimento dos bombeiros, pertencentes á classe de aspirantes, em que pedem á ex.^{ma} camara que lhes seja concedido um vencimento certo, a exemplo do que tem os primeiros e segundos patrões, allegando o seu pezado serviço e o muito tempo que tem a esperar na classe de aspirantes até chegarem a segundos patrões : cumpre-me dizer a v. ex.^a que me parecem fundadas as allegações dos requerentes, tanto na parte que respeita ao seu arduo e arriscado serviço, como na que toca ao tempo que tem de esperar para subirem á classe dos segundos patrões, havendo alguns d'elles que já contam oito e dez annos de serviço, o que na verdade é demasiado.

Esta demora que me parece de justiça attenuar, provém d'uma circumstancia muito extraordinaria, que só se dá no corpo de bombeiros, porque estes homens não se gastam e morrem como os que exercem outras profissões, nem as estatisticas e escalas de mortalidade podem ser applicadas para a formação dos quadros e consequentemente para as probabilidades das promoções. Aqui todos se estragam por igual, a morte não poupa os que tem menos annos, e a ordem da natureza é singularmente alterada pela rudeza do serviço.

O que se dá com os aspirantes em relação aos segundos patrões, da-se com estes em relação aos primeiros, e ainda com os primeiros em relação aos chefes de companhia, porque todos estacionam durante um periodo relativamente largo antes de ascenderem ás classes immediatamente superiores. Não me occuparei d'estas classes, apesar de ser reconhecida a necessidade de cuidar da sua melhora, porque seria longo expender tudo quanto penso a semelhante respeito; e proseguirei tratando tão sómente dos aspirantes.

Suppondo que está no animo da ex.^{ma} camara o desejo de attender benevolmente á justa pretensão dos requerentes, e suppondo tambem que procurará fazel-o por forma que a remuneração sirva de incentivo e de estimulo para este grupo de bons e dedicados servidores, tomo a liberdade de indicar dois alvitres.

O primeiro é dividir os aspirantes em duas classes, marcando o numero certo de vinte para a primeira d'estas classes, na qual poderão entrar sem contarem seis annos de serviço completos. O segundo é conceder vencimento a todos os que já contam seis annos e proseguir de futuro n'esta concessão aos que forem completando este tempo, sem fixar quadro.

Parece-me que em qualquer dos casos seria regular o vencimento de 205000 réis annuaes, e digo regular não porque não seja manifestamente irrisoria esta quantia quando arbitrada a um homem que expõe quotidianamente a vida, mas para guardar a conveniente proporção com os segundos patrões, que tem 305000 réis, com os primeiros que tem 455000 réis e com os chefes da companhia que tem apenas 505 réis.—São realmente pequenissimos todos estes venci-

mentos, com especialidade os dos chefes de companhia em que ha homens que contam mais de 40 annos de serviço, e com quanto intenda que os vencimentos dos bombeiros devam ser regulados pela sua promptidão, pela aptidão, pelo seu trabalho, e pela sua dedicação ao serviço, parece-me justo recordar que quando um homem serviu por espaço de 40 annos nos incendios, já não tem forças para ganhar pela sua prompta comparencia, nem pelo seu trabalho nos fogos, mas merece que se lhe dê uma justa e equitativa compensação augmentando-lhe o vencimento certo.

Submettendo esta breve informação á illustrada opinião da ex.^{ma} camara, lembro a v. ex.^a a conveniencia e necessidade de chamar a attenção da mesma ex.^a camara para o importante ramo de serviço de segurança publica que me está confiado, e que carece de urgentes e indispensaveis reformas com relação ao pessoal.

Deus guarde a v. ex.^a—Lisboa e inspecção geral dos incendios, 14 de fevereiro de 1882.—Ill.^{mo} e ex.^o sr. vereador do pelouro dos incendios. — O inspector geral, *C. J. Barreiros*,

Em virtude d'esta informação o vereador do respectivo pelouro, o sr. Antonio Ignacio da Fonseca, apresentou a seguinte proposta:

1.^o—«Que os aspirantes bombeiros, que completarem seis annos de serviço, descontadas as faltas, licenças e castigos, tenham o vencimento annual de 20\$000 reis.

2.^o—«Que o vencimento dos chefes de companhia, que é actualmente de reis 50\$000, seja elevado a 60\$000 reis

3.^o—«Que seja nomeada uma commissão de tres vereadores para tratar das reformas e melhoramentos relativos ao serviço dos incendios.—Camara, 16 de fevereiro de 1882.—O vereador, *Antonio Ignacio da Fonseca*.»—A camara approvou esta proposta e nomeou para a commissão os srs. Fonseca, visconde do Rio Sado e Estrella Braga.

—No dia 19 do corrente á uma hora da noite, ardeu um palheiro no sitio da Torre, freguezia de Lumiar. Na extincção do incendio trabalharam os bombeiros voluntarios d'aquella localidade, conseguindo pelos seus dedicados esforços salvar as propriedades contiguas, no que prestaram bom serviço.

—Por occasião do baile no palacio de S. Sebastião da Pedreira, em honra dos reis de Hespanha foram destacados para o largo fronteiro e ali permaneceram durante toda a noite que esteve frigidissima, nove bombeiros e vinte seis serventes para o serviço de incendios. Todos sabem ha que tempos isto se passou mas o que muitos ignoram é que até hoje ainda não foi entregue áquelles homens, a gratificação a que tem incontestavel direito. Urge providenciar sobre o caso a quem competé.

—A companhia de seguro *Norwich-Union* de que é representante n'esta cidade o sr. Abel Dagge, offereceu ao Montipio de S. Carlos do corpo bombeiros de Lisboa, o donativo de 100\$000 reis.

—Acham-se no governo civil do districto, os estatutos da nova associação, Bombeiros voluntarios da villa de Almada. Os iniciadores d'esta instituição vão brevemente apresentar-se á camara d'aquella villa que não deixará de coadjuval-os attendendo á urgente necessidade que havia ali d'uma corporação d'esta natureza.

—Eis a nota dos incendios de mais vulto occorridos durante a quizenza.

No dia 21, na rua de Sant'Anna, á Lapa, foi

pasto das chammas a casa n.^o 33, onde se achava estabelecida uma carvoaria pertencente ao sr. José Luiz Fernandes.

O fogo, que principiou pelas 8 horas da noite, pela explosão d'uma grande porção de petroleo, e ateado pelo vento que soprava fortemente de N. E. e que impellia o fumo para a frente da casa suffocando todos aquelles que corajosamente tentavam combater o incendio por este lado, communicou-se rapidamente ao predio contiguo que tem os n.^{os} 35 e 37 e que foi como a casa n.^o 33 completamente devorado pelas chammas.

Compareceram no local as machinas das estações n.^{os} 1, 2, 9, 11, 12, 13, 23, 24, 25, 31, 33, 35, e a bomba n.^o 2 dos voluntarios que foi a primeira que chegou.

Os trabalhos foram dirigidos no principio pelo srs. Barreiros, inspector, e Conceição, ajudante. Estiveram presentes as autoridades locais e quasi todos os bombeiros voluntarios.

Ás 3 horas da manhã retirava o pessoal ficando uma bomba no serviço do rescaldo. Os predios eram propriedade da sr.^a D. Maria Gertrudes Ribeiro, e não estavam no seguro.

A carvoaria estava segura em 1:200\$000 reis na companhia *Fenix*.

O 1.^o andar do predio n.^o 35 era habitado pelo snr. José Burgueiro, o qual se achava ausente, e estava seguro na *Tagus* em 300\$000 reis; o 2.^o era habitado pelo snr. Joaquim Bento Rodrigues e estava seguro na *Segurança do Porto* em 500\$000 reis.

—Quando o guarda da policia e fiscalisação no arsenal da mariaha, Guilherme Caetano foi no dia 22 ás 9 horas da manhã abrir a repartição do commando geral da armada, que estava fechada desde sabbado, notou que havia fogo em um dos gabinetes de entrada, e deu a voz de alarme, acudindo logo grande parte do pessoal d'aquelle estabelecimento que pôde extinguir o incendio, tendo já ardidido parte do solho e vigamento Julga-se que o sinistro teve origem em um cesto de papeis, talvez por alguma ponta de cigarro que para alli fosse deitada por descuido.

—Ás 10 1/2 horas tambem appareceu fogo na loja n.^o 172 da rua dos Calafates, em que é locatario o sr. Aureliano Henriques Coelho, que então estava ausente. Ardeu uma porção de roupa e a cama, ficando destruida parte da mobilia. Quando o dono da casa chegou, começou a gritar que lhe faltava uma lata de folha que tinha lá dentro, na cozinha, com uma porção de dinheiro, objectos de ouro e papeis de credito. Os bombeiros n.^{os} 98 e 62 e o policia 112 da 2.^a. depois de uma revista minuciosa, encontraram a tal lata que effectivamente continha 123\$750 reis, um cordão e cruz, um par de argolas e um botão, e dois pares de brincos, tudo de ouro; cinco coupons de 100\$000 reis e um de 1:000\$000. Os locatarios não tinham a sua mobilia no seguro.

—Ás tres e meia horas da tarde tambem houve fogo no sotão do predio n.^o 41 da travessa das Flores esquina da travessa do conde de Avintes, n.^{os} 24 e 26. O incendio destruiu parte do madeiramento, havendo muitos estragos tambem nas mobílias. Uma grande porção de gente pobre, que mora proximo, com a precipitação de salvar os seus poucos haveres, destruíram-n'os, arremessando-os á rua. Depois essas familias choravam as suas perdas. Foi completamente extincto após duas horas de trabalho. A casa estava segura na companhia *Tagus*. Compareceram as bombas n.^{os} 14 e 15 e os carros n.^{os} 36 e 37. C.

No estrangeiro

Ha bastantes dias o telegrapho noticiava um incendio violentissimo que rebentara em Nova-York em a noite de 29 de janeiro findo. Os jornaes estrangeiros dão já promenores sobre essa catastrophe.

O edificio que foi incendiado passava por ter sido construido á prova de fogo.

Tinha escadas de ferro e os sobrados cobertos a cimento; apesar d'isso, as labaredas invadiram todos os andares com uma rapidez prodigiosa, cortando a retirada a numerosas pessoas, muitas das quaes morreram.

O edificio era conhecido pelo nome de *World Building*, e na sua maior parte estava estabelecido o jornal *World*; formava um *block*, dividido n'uma grande quantidade de aposentos ou escriptorios, separados uns dos outros por tabiques.

O fogo rebentou ás dez horas da noite; em dez minutos estava o edificio envolvido pelas chammas. Quando o fumo se dissipava um instante, viam-se acudir homens e mulheres ás janellas dos andares mais elevados, agarrados uns aos parapeitos, outros deixando-se cair e sumindo-se no turbilhão de fogo e fumo.

Uma preta, suspensa pelos punhos do parapeito d'uma janella do quarto andar, soltava gritos de ensurdecer, implorando soccorro; de repente vieram de dentro as labaredas, envolveram-n'a, e ella caiu no vacuo.

Uma rapariga saltou para um cobertor estendido pelos salvadores; mas o corpo, que vinha do quarto andar, trazia um impulso muito consideravel; o tecido rebentou e a rapariga morreu.

Numerosos desgraçados, cuja saída estava cortada pelo fogo, tentavam saltar para os beirais dos predios situados em frente do edificio incendiado; quasi todos cahiam e se esmigalhavam nas pedras da calçada. Um negro saltou para cima d'uma taboleta que ficava saliente; esta porém quebrou-se e o desgraçado cahiu no vacuo de cabeça para baixo. Um pretinho, engraxador, tinha deitado fóra a sua caixa das escovas, e, empoleirado n'uma escada, conseguiu salvar umas dez pessoas; a multidão fez-lhe uma ovação entusiastica.

Quatro compositores do *Scottish American*, Jorge Milne, Eduardo Moore, Roberto Bowie e Ricardo Davey, estiveram alguns instantes suspensos do parapeito de duas janellas.

Uns poucos de bombeiros estenderam por baixo d'elles um grande pedaço de lona, e gritaram-lhes que saltassem. Ricardo Davey, que era aleijado de uma perna, deixou-se cair.

Como a sua enfermidade lhe não consentira tomar o necessario impulso, foi bater n'um fio telephonico, d'onde veio parar ao passeio ligeado, de cabeça para baixo. D'ahi a uma hora expirava no hospital.

Logo depois do fatal salto de Davey vieram escadas para o salvamento dos seus companheiros. A distancia entre o sitio onde elles estavam e o topo das escadas era de mais de dez pés. Balouçaram-se pelos braços no parapeito das janellas, saltaram uns apoz outros e foram agarrados no ar pelos bombeiros, que estavam de pé nas escadas.

Moore e Bowie ficaram feridos. Milne chegou abaiço e salvo.

Morreram doze impressores. Ouviram-se por um momento espantosos gritos a dominarem o susurro das

labaredas; depois apagaram-se todas as vozes humanas.

Tal é a narração d'esta catastrophe, que provoca na imprensa americana um poder de tardias reflexões com respeito ao defeituoso systema das construcções americanas.

—Em Bordeus, ultimamente, pelas duas horas da manhã, rebentou um principio de incendio nas pertencas do theatro de Variedades, d'aquella cidade.

Os agentes policiaes acudiram ao local do sinistro e verificaram que o fogo tinha pegado no corredor em tres pontos diversos.

A parte da policia diz que tinham sido encontrados papel, palha e algodão por detraz dos retabulos, e o fogo começava a tomar proporções ameaçadoras quando se deu por elle.

Ainda foi debellado a tempo, não sendo muito importantes os prejuizos.

—Um telegramma de New-York refere que se manifestou um pavoroso incendio em uma casa de Haverkill, o qual se propagou aos edificios proximos, nos quaes se achava installada uma grande fabrica e um estabelecimento bancario. Ficaram sem trabalho mais de 2:000 operarios. As perdas occasionadas por esta catastrophe passam de 1:880 contos de reis.

—Houve incendio na gare de mercadorias de Stettin, em consequencia da explosão de uma maquina infernal contida n'uma caixa que alli estava depositada. Foi já preso o auctor do crime.

Chronica quinzenal

Eis-nos no tempo santo. Já vão longe não as casquinadas de riso e de espirito com que outr'ora apparecia o carnaval, mas o dichote e o fato emporealhado quiçá coberto da immundicie das ruas com que um carnaval ordinario e réles andou a redea solta pela cidade.

No livro das *selvagens* civilizadas o carnaval de 1882, logrou deixar uma pagina bem distincta. Isso que ahí vimos não tem nome. Devem assim divertir-se os subditos de S. M. Kalakana. Na praça de D. Pedro a garotada, de mistura com o povo, taes tropelias praticou, que se tornou necessaria a intervenção da força armada que *batalhou* denodamente contra uma multidão compacta de oito ou dez mil pessoas que tantas seriam as que ali se apertavam para ver cobrir de cal, agua, lama, e tudo quanto havia á mão, quem por ali se atrevesse a passar. As coronhas das espingardas dos soldados de pé e as espadas dos de cavallo, semearam basta pancadaria e a batalha ia a tornar-se séria quando o commandante da força mandou cessar a refrega. O povo que será sempre a eterna creança, agradece, festejando com vivas, a *generosidade* do official. Uma *pandega*.

A quinzena que vae findar, deixa de si luctuosa memoria. Dois crimes monstruosos preoccuparam a cidade. Um, o incesto torpe e a tentativa de assassinato, outro um assassinato em pleno dia, frio, premeditado, cobarde! Um horror.

Mas, fallemos de consas mais alegres.

O nosso amigo Raul Didier escreveu um monologo a que chamou *A Bisnaga* e que destina a um dos

uossos theatros. Já tivemos occasião de o ouvir ler ao seu auctor deixando-nos a leitura agradável impressão

— Em seguida á opera-comica a *Filha do tambor mór* que deve subir á scena no dia 4 do proximo mez de março no Principe Real, entra em ensaios n'aquelle theatro a opereta burlesca em 3 actos *Le canard à trois becs*, poema de Julio Moineaux e musica de Emilio Jonas.

— Annuncia-se para 13 de março o beneficio do actor Innocencio José do Amaral tão digno da nossa consideração pelos seus dotes d'artista como pelos do seu espirito. Dar-se-ha a comedia drama, imitação do sr. Aristides Abranches, *Coração de Pae* (Le père Lefeutre.)

— Cesar de Lima, no dia 6 fará tambem o seu beneficio no theatro Baquet com o drama de Ernesto Biester, *Fortuna e Trabalho*.

— O actor Soller recitou ultimamente n'este theatro o famoso monologo em verso, imitação de Fernando Caldeira, *A Mosca*. O publico festejou o distincto artista, ainda que não estão no gosto do publico, sendo ainda uma novidade hoje, trabalhos da indole do que vimos fallando. O nosso publico só conhece scenas comicas e para isso só Taborda, Antonio Pedro, Dias. A seu tempo e quando o gosto pelas cousas do theatro se fortificar, depauperado como anda pelas mésinhas que lhe servem em operas comicas, o publico ha de applaudir com gosto e com espirito, o que hoje talvez só faz por condescendencia

— Para beneficio do actor Soller, provou-se no Baquet o drama de Theodoro Barrière e Thiboust *As mulheres de marmore*, traducção do sr. Cesar de Lacerda, que ha annos foi representado n'aquelle theatro com geral applauso.

A distribuição é a seguinte:

Phidias e Raphael, Soller; *Diogenes e Degenais*, Alvaro; *Gorgias e Defresnes*, C. de Lima; *Alcibiades e Juliau*, Miguel; *Um atheniense e Francis*, J. Ricardo; *Strabon e John*, Victorino; *Mauleón*, Pires; *Aspasia e Marco*, Palmira; *Thea e Maria*, Elvira; *A sr.ª Didier*, Christina; *Lais e Josepha*, Gasparinho; *Phrynêa e Julietta*, Segri; *Foedora*, A. Pestana.

— Os jornalistas d'esta cidade querendo minorar a situação dolorosa em que ficou a familia do malogrado Alberto Carlos da Cruz Maia, um martyr do trabalho honrado e um trabalhador infatigavel, promoveu um espectáculo que se annuncia para o dia 7 do proximo mez de março, no theatro de S. João. Não tem faltado adhesões e offerecimentos, á nobilissima idea que tanto alevanta a confraternidade da imprensa do Porto. É de esperar pois que os esforços dos bons amigos de Alberto Maia e todos os que com elle trabalhavam n'esta incruenta crusada da imprensa, sejam coroados de feliz exito e por muito tempo consiga arredar da casa onde chora a vivez e a orphandade, o espectro da miseria.

O programma do espectáculo ao que vemos nos nossos collegas diarios é o seguinte:

Os arrufos, comedia em 1 acto, em verso, de Raul Didier, desempenhada pela companhia do theatro Baquet.

A mosca, monologo em verso, do sr. Fernando Caldeira, recitado pelo actor Soller.

A orphã, poesia do fallecido escriptor Barros e Seixas, recitada pelo actor Alvaro.

Trio para violino, piano e orgão, sobre motivos da opera *Traviata*, por tres distinctos amadores academicos.

Intervallo de *Phisica* recreativa pelo amator sr. Eduardo Alves.

Duo do 1.º acto da *Mascotte*, pela actriz Amelia Garraio e actor Foito, do theatro Principe Real.

Romanza cantada pela actriz Aurelia Santos, do mesmo theatro.

G. F., comedia em 1 acto, na qual toma parte o popular actor Dias e a companhia d'este ultimo theatro.

O actor Dias em consideração para com e imprensa designou aquella noite para a sua apresentação ao publico portuense depois do seu regresso do Brazil.

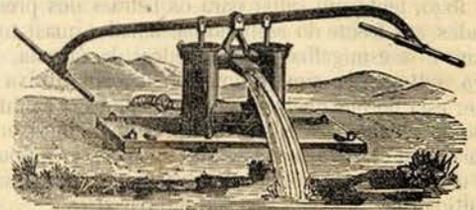
Parece que o actor Miguel Verdeal, fará beneficio com o drama do sr. Antonio Ennes, *Os Lazaristas*. N'esse caso adjudicar-se-ha o papel de *Bergeret*.

— Amanhã realizar-se-ha no theatro de S. João em beneficio de familia do desventurado guarda civil Antonio Rodrigues Fachina, covardemente assassinado, como alludimos em outro logar d'esta chronica. O espectáculo que é promovido pelo sr. commissario geral de policia fiamos que ha de ser muito concorrido pois que nunca se appella em vão para os sentimentos humanitarios desta cidade. Na tabacaria dos srs. Freitas & Azevedo, aos Clerigos, podem ser procurados os respectivos bilhetes.

— Tambem com o meu sympathico fim, uns curiosos promovem no proximo sabbado no theatro Gil Vicente um espectáculo em que da melhor vontade se prestaram a tomar parte o nosso amigo Antonio Ramos Pinto, distincto amator e o festejado actor Valle. Os bilhetes emcontram-se na tabacaria Pereira Vianna, na Praça de D. Pedro e na livraria de viuva Jacintho.

Fra-Gille.

ANNUNCIOS



SOCIEDADE DAS FORJAS DE VUILLAFANS

(DOUBS)

J. CONVERS & C.^a

ANTIGA CASA LAMBERT & C.^a

(ANTES, RUA DE BONDY N.º 72)

19—Rua de S. Sebastião—19

PARIS

Bombas diversas, d'egoto, de rega, etc. — Mangueiras, baldes.

Apparelhos de salvação, equipamento e vestuario de bombeiros.

15 medalhas nas Exposições da Industria.

Remessa de catalogos por pedido, franco de porte, á administração do *Bombeiro Portuguez*, rua da Rainha n.º 93—Porto.

Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 74.